

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT08.004](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT08.004)

A IMPORTÂNCIA DAS ANÁFORAS PARA A COESÃO TEXTUAL NO GÊNERO DISCURSIVO ARTIGO DE OPINIÃO

GLENNIA ELLEN SOARES COSTA

Mestra em Ciências da Linguagem do Curso de Pós Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN, glenia.ellen@gmail.com;

GIOVANNY BEZERRA DA SILVA

Graduando em Letras-português pela Universidade Federal Rural do Semi-árido- UFRSA, giovannysilva29@gmail.com;

RESUMO

Na educação básica um dos maiores problemas discutidos por alunos e professores é o ensino de leitura e produção textual. Nesse contexto, esta pesquisa busca refletir sobre a escrita dos alunos do fundamental II, mais precisamente do 9º ano e como eles utilizam o processo referencial anafórico para a coesão textual em textos argumentativos como o artigo de opinião. Neste trabalho, nos propomos analisar artigos de opinião escritos por alunos da rede básica de ensino, no município de Apodi-RN. Esses artigos de opinião serão observados com base numa perspectiva dialógica de Bakhtin. Como fundamentação teórica nos ancoramos ainda nos pressupostos de Bakhtin (2003, 2006), Koch e Elias (2006, 2009) e Marcuschi (2008, 2014). Sendo assim, esta pesquisa pretende contribuir para o uso eficiente e estratégico dos gêneros discursivos argumentativos tornando-os ativos em suas práticas discursivas.

Palavras-chave: Produção Textual, Artigo de Opinião, Gênero Discursivo.

INTRODUÇÃO

Esta nossa pesquisa teve como motivação a nossa inquietação em saber como o processo referencial anafórico contribui para a construção do gênero discursivo artigo de opinião, para a sua manutenção, coesão e a construção dos sentidos.

De nossa inquietação surgiu uma problematização de como na construção-organização desse gênero o produtor vai fazendo suas escolhas lexicais, construindo assim também os sentidos do texto. Quando isso acontece os referentes presentes no texto passam a ser objetos discursivos, não funcionando apenas como itens de retomada, mas também como mecanismos de organização na dinâmica do texto.

Quando tratamos de produção textual, pensamos logo em um estudo pautado pela gramática tradicional baseado na análise de frases soltas, isoladas e correção gramatical sem objetivos definidos. Embora haja certa divergência entre professores e pesquisadores quanto as estratégias de construção do texto, da coesão e do sentido, ora seguindo o ensino tradicional, ora seguindo uma perspectiva sociointeracionista, essa realidade tem mudado um pouco através de pesquisas que contribuíram para esse estudo.

Nesse sentido, discutiremos os processos referenciais anafóricos como recursos utilizados na construção do gênero artigo de opinião, sua manutenção, coesão e produção de sentidos. Essa nossa pesquisa estuda os mecanismos, os quais são os referentes que se configuram de maneira a serem retomados na articulação do texto podendo ser encontrados na superfície desses textos.

Para isso, nos basearemos em uma pesquisa de cunho qualitativo-interpretativista por meio da qual aprofundaremos nossas discussões e reflexões acerca do nosso objeto de pesquisa.

Para atender esses objetivos, tomamos como referencial teórico os pressupostos de Koch e Elias (2006, 2009), Marcuschi (2008, 2014), bem como os de Mondada e Dubois (2003) no que diz respeito ao estudo da Linguística Textual.

Assim, nossa pesquisa tem interesse em aprofundar seu estudo nos processos referenciais anafóricos em artigos de opinião na educação básica, com alunos do 9º ano do ensino fundamental. Em harmonia com nossos objetivos e nossos estudos, nosso corpus constitui-se de 3 artigos de opinião com o objetivo de analisar os processos referenciais anafóricos como recurso essencial para a construção e coesão do texto.

Diante do que foi discutido, acreditamos que, com nossa pesquisa, poderemos trazer algumas contribuições positivas, acerca de como o produtor de textos poderá abranger a possibilidade de uso do processo referencial anafórico para uma melhor construção dos artigos de opinião.

Podemos citar como contribuição o fato de que os processos referenciais são necessários à articulação do texto, uma vez que, são responsáveis por sua condução, cooperando assim para o sentido do texto, tornando-os coesos e coerentes.

Diante da relevância de estudos guiados pelo viés da Linguística Textual, bem como de seus aspectos constitutivos como materialização dos gêneros discursivos com destaque para o artigo de opinião, é de grande importância conhecer mais sobre os aspectos intrínsecos ao percurso do gênero como no caso da organização e manutenção tópica caminhando para a constituição do gênero e dos sentidos do texto. Dessa maneira, este trabalho contribuirá significativamente para uma boa compreensão dos processos referenciais e das relações desencadeadas por eles, assim como para a constituição do gênero artigo de opinião, sua organização e manutenção.

METODOLOGIA

Para realização desse nosso trabalho cujo objetivo consistia em analisar como as anáforas contribuem para a coesão e construção dos sentidos no gênero artigo de opinião, fez-se necessário conhecer os mecanismos para se identificar na análise os procedimentos e as adequações necessárias às produções textuais. Dentre os procedimentos que foram feitos podemos citar a discussão do processo referencial anafórico como recurso essencial a escrita de um gênero como artigo, uma vez que, sem tal estratégia recursiva, sua construção e sentido podem ser limitados.

Com base em uma perspectiva que considera as experiências que os sujeitos carregam, sua representação e os conceitos que os constituem, nossa pesquisa, se classifica em qualitativa e interpretativista, tendo em vista que, a nossa análise varia de um artigo para outro.

A pesquisa foi assim desenvolvida em algumas etapas: leitura de textos para subsidiar nosso estudo e para um maior aprofundamento da teoria, leituras sobre a perspectiva bakhtiniana e sobre uma perspectiva dialógica de produção e revisão

textuais, cuja finalidade seria embasar os artigos de opinião escritos por alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Após a leitura dos artigos de opinião escolhidos, trabalhamos com a teoria dialógica do círculo de Bakhtin (2003, 2006, 2013), com a teoria da Linguística de Texto sobre a referenciação de acordo com os pressupostos de Koch e Elias (2006, 2009), Mascuschi (2008, 2014) e Cavalcante (2014). Depois de selecionados esses artigos de opinião, seguimos com a análise com a qual identificamos a presença das anáforas como recurso coesivo para a construção e manutenção do gênero mencionado.

GÊNERO, ENUNCIADO, ESTILO

Como fundamentação do nosso trabalho, tomamos como base as concepções da teoria dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin (2003, 2006, 2013), a qual norteia a pesquisa proposta porque tem como foco central a perspectiva dialógica da linguagem, o que implica os conceitos de gênero, enunciado e estilo, levando sempre em conta a interação entre interlocutor e demais parceiros da comunicação verbal, ou seja, tendo sempre em vista que em toda manifestação linguística, seja falada, seja escrita, leva-se sempre em conta a relação com o outro.

Nesse sentido, de acordo com Bakhtin (2003), toda atividade humana envolve a utilização da linguagem, ou seja, os seres humanos necessitam estar sempre em interação, o que acontece por meio de enunciados. conforme o autor, para cada atividade existem enunciados marcados pela especificidade de uma dada esfera de comunicação.

Podemos compreender, dessa maneira, que existem gêneros discursivos variados em virtude da necessidade humana de estabelecer comunicação nas várias esferas de atividades sociais: jurídica, jornalística, médica, acadêmica, doméstica, dentre outras; por isso, devemos sempre adequar o nosso dizer ao espaço-tempo, ou seja ao contexto em que estamos inseridos.

Diante do que foi discutido, verificamos que a língua não é constituída isoladamente, sem se levar em consideração os interlocutores e a situação comunicativa em que os sujeitos estão inseridos, mas sim pelo fenômeno dialógico estabelecido pela interação verbal, realizada por meio da enunciação que constitui assim a realidade fundamental da língua.

Essa realidade será norteadada pela perspectiva teórica da Linguística de Texto, seguindo as orientações de Marcuschi (2008, 2014), que “contempla a língua em seu aspecto sistemático, mas, observa-a em seu funcionamento social, cognitivo e histórico, predominando a ideia de que o sentido se produz situadamente e que a língua é um fenômeno encorpado e não abstrato e autônomo”. Já as orientações de Koch e Elias (2006, 2009) defendem que a referenciação, assim como a manutenção e a progressão referencial consistem na construção e reconstrução de objetos de discurso e, por conseguinte, não são apenas meros elementos de retomada, ou seja, os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, assim, o processo de referenciação constitui-se como uma atividade discursiva, portanto, as expressões referenciais não se confundirem com a realidade extralinguística, ou seja, elas “são escolhas realizadas pelo produtor do texto e orientadas pelo princípio da intersubjetividade, razão pela qual os referentes são construídos e reconstruídos ao longo do processo de escrita”, Koch e Elias (2006, p. 133-134).

É importante ressaltar ainda os estudos de Mondada e Dubois (2003) como percurso norteador no que diz respeito à referenciação anafórica, pois tais postulados asseguram que o acesso ao mundo se dá por meio da interação dos indivíduos entre si e com o mundo, mediante relações linguístico-cognitivas, das quais depreende-se uma visão dinâmica de categorização, em que se leva em conta aspectos de ordem social e cognitiva na construção dos enunciados. Nesse sentido, o sujeito não é visto apenas como mero decodificador, mas, também, como um sujeito que se constrói sociointerativamente, levando sempre em consideração os aspectos cognitivos.

Nossas escolhas por tais teorias se justificam por buscar promover uma discussão sobre nosso objeto de pesquisa. Neste sentido, estes referenciais podem contribuir para nossa empreitada.

A ANÁFORA

Autores como Apothéloz (2003), Cavalcante (2004, 2011), Marcuschi (2005), Koch e Elias (2006, 2009) e Vasconcelos de Sá (2014) tratam dos processos referenciais. Escolhemos Apothéloz (2003) para subsidiar esta pesquisa por representar uma tradição no estudo das anáforas para quem o processo de referenciação anafórico configura-se pela remissão a uma palavra ou expressão com a qual se estabelecerá uma relação cognitiva.

Outras autoras que também utilizaremos como base em nossa pesquisa é Cavalcante (2004, 2011) e Sá (2014), no que se refere à abordagem classificatória das expressões referenciais, pois elas discutem e sugerem algumas classificações como introdução referencial e referenciação anafórica.

Cavalcante (2011), explica que uma introdução referencial ocorre quando uma expressão é inserida pela primeira vez no contexto discursivo. Podemos dizer que quando há a introdução de referentes, para Cavalcante (2011), uma introdução referencial ocorre quando uma expressão aparece pela primeira vez no contexto discursivo, assim há a introdução de referentes quando uma expressão referencial apresenta um objeto no discurso sem que outro componente do contexto discursivo ou da situação discursiva imediata de comunicação o tenha evocado. Assim, a referida autora considera uma introdução referencial sempre que uma entidade é inserida pela primeira vez no texto. Depreende-se do que foi dito que a introdução referencial é marcada pela não continuidade de referentes, mas, sim, por ter como característica a introdução referentes, como é exemplificado a seguir em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014):

(1) “PAI,

Este retrato é mais e mais que a pedra branca, mais que a data sempre. E mais que um nome, que um eco nunca mais.

É o assalto de não ser. Sou eu riscada em molde. O que condenei que cresceu em mim. É vivo fitá-lo assim remendado do que foi. É querer fincá-lo doce, envolvido, e não sofrer.

É a certeza má de que este retrato é mais e será mais do que você. Você, que o tempo sobre o tempo, impenetrado, levará de mim.”

“– Papai, por que você não coloca meu marido no lugar do seu sócio que acaba de falecer?

– Conversa com o pessoal da funerária. Por mim, tudo bem.”

Sabemos que, nos textos, todos os referentes que aparecem pela primeira vez são introduções referenciais, mas, a título de exemplificação, destacaremos somente um tipo de cada processo referencial. Desse modo, tanto em (1) quanto em (2), as expressões “Pai” e “papai” são os indícios mais prováveis de introduções referenciais.

Com relação as anáforas diretas e indiretas. Em (1), “[n]a elipse de “ele”, o retrato, o coenunciador sabe tratar-se da mesma entidade” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 55), tendo, deste modo, um caso de anáfora direta, em que o

mesmo referente é retomado. Em (2), o referente “funerária”, embora apareça pela primeira vez no contexto, já está ancorado em outro referente: o falecimento, o que faz com que funerária seja uma anáfora indireta, isto é, é um referente “novo”, mas ancorado em pistas diversas, dentre elas a lexical, que remete ao significado de funerária como empresa comercial que se destina a realizar cerimônias de sepultamento, com o falecimento de alguém.

Compreende-se, então, do que foi dito que há anáforas indiretas todas as vezes em que um novo objeto é introduzido mediante as relações dos elementos presentes no cotexto e no contexto discursivo, sendo, dessa forma, estabelecidas relações por associações e/ou inferências por meio dos objetos de discurso.

AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS REFERENCIAIS

Neste tópico, discutiremos as funções cognitivo-discursivas que ocorrem durante o processo de referenciação, bem como as funções presentes no processo referencial anafórico, tendo em vista que nosso trabalho observa como elas contribuem para a construção/tessitura do gênero artigo de opinião. A inter-relação entre esse processo e suas funções já se mostrou bastante evidente. Percebemos, portanto, a necessidade de mergulhar mais profundamente nas discussões que esse fenômeno suscita. Para isso, exploramos as obras de Koch e Elias (2008), Koch (2018), Cavalcante (2011), Ciulla (2008) e Sá (2007, 2014).

Como foi dito no decorrer do trabalho, as expressões referenciais são formas linguísticas ativadas na memória discursiva, a partir das escolhas lexicais e cognitivas do locutor, dentro de um determinado contexto de comunicação. Tais expressões operam como um recurso para a coesão e a progressão textual, possibilitando, assim, desempenhar diversas funções dentro do texto que auxiliam na construção dos sentidos e na organização textual.

Temos como ponto de partida os estudos de Koch (2004). O trabalho da autora apresenta as funções discursivas que são utilizadas como referências fundamentais em trabalhos realizados nesta área. Nele, são apresentadas as seguintes funções discursivas: (a) ativação/reativação na memória; (b) encapsulamento (sumarização) e rotulação; (c) introdução de informações novas; (d) organização macroestrutural; (e) especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo; (f) construção de paráfrases definicionais e didáticas; (g) orientação argumentativa; (h)

categorização metaenunciativa de um ato de enunciação. Estas, assim apresentadas por Koch (2004), podem estar relacionadas a quaisquer processos referenciais. A seguir, detalharemos cada uma delas.

Entendemos também o quanto essa diversidade de funções tem revelado uma fonte para os estudos sobre as funcionalidades das expressões nominais. Nessa direção, é baseado nos pressupostos de Koch (2018) que outras pesquisas se desenvolveram, evidenciando o quanto a LT tem progredido na busca por revelar a forma como a representação do objeto de discurso se organiza no decorrer da enunciação.

Ainda no âmbito das pesquisas acerca das funções discursivas dos processos referenciais, é relevante destacar a proposta de Ciulla (2008), tendo em vista que os pressupostos discutidos pela autora reverberam uma visão mais ampla desse processo.

Nesse sentido, citamos Sá (2014), que apresenta um quadro-resumo da pesquisa de Ciulla (2008).

Quadro 1- classificação das funções discursivas dos processos referenciais

Função discursiva	Caracterização	Exemplo
Organização de partes do texto	Inaugura tópicos, integra e muda tópicos, antecipa ou mantém informações em suspenso, salienta um referente, orientando a localização de um referente no espaço/tempo.	(23) "Subitamente, não sabia mais como se ata o nó da gravata. Era como se enfrentasse uma tarefa desconhecida, com que nunca tinha tido qualquer familiaridade. Recomeçou do princípio. Uma vez, outra vez – e nada. Suspirou com desânimo e olhou atento aquele pedaço de pano dependurado no seu pescoço." (RESENDE <i>apud</i> CIULLA, 2008, p. 163).
Metadiscursividade	Promove uma catálise de pressuposições, aponta uma referência problemática, captura argumentos dispersos e assinala um convite para reparar uma sequência.	(24) "Dasdores e suas numerosas obrigações: cuidar dos irmãos, velar pelos doces de calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever cartas de todos. Os pais exigem-lhe o máximo, não porque a casa seja pobre, mas porque o primeiro mandamento da educação feminina é: trabalharás dia e noite." (ANDRADE <i>apud</i> CIULLA, 2008, p. 164).
Introdução de informações novas	Atualiza conhecimentos, especifica por meio de uma sequência hiperônimo/hipônimo e fornece explicações com fins definicionais e/ou didáticos.	(25) "No ano seguinte, ela não apareceu no baile. Ele ficou o tempo todo à procura, um havaiano desconsolado (...) Marcelão, o mau elemento da sua turma, tinha levado gim para misturar com o guaraná." (VERÍSSIMO <i>apud</i> CIULLA, 2008, p. 167).

Função discursiva	Caracterização	Exemplo
Efeitos estéticos-estilísticos	Forja uma memória compartilhada, engaja o leitor na cenografia, recria o mundo ficcional ou transporta o leitor para ele, buscando acrescentar uma apreciação sobre o mundo e fornecer uma simulação da realidade.	(26) "Só no sétimo baile (pirata, chinesa) desvendaram o mistério de só se encontrarem no Carnaval e nunca se encontrarem no clube, no resto do ano. Ela morava no interior, vinha visitar uma tia no Carnaval, a tia é que era sócia." (VERÍSSIMO <i>apud</i> CIULLA, 2008, p. 171).
Marcação de heterogeneidade discursiva	Mostra um apelo a um tipo de discurso, identifica outras vozes no interdiscurso, promove a mudança de foco narrativo, marca a voz do personagem no discurso direto livre (DDL), estabelece a separação das vozes do discurso indireto livre (DIL) e do DDL, situa vários centros dêiticos de vozes na narrativa, opera metadiscursivamente em relação ao enunciado e estabelece marcas de intertextualidade, possibilitando diálogos intertextuais.	(27) "Vão-se as amigas, para voltar duas horas depois, e Dasdores, interrogando o relógio, nele vê apenas o rosto de Abelardo, como também percebe esse rosto de bigode, e a cabeleira lustrosa, e os olhos acesos, dissimulados nas ramagens do papel de 'parede, e um pouco por toda parte." (ANDRADE <i>apud</i> CIULLA, 2008, p. 178).
Função de ativação da memória	Promove um resgate das informações armazenadas na memória do interlocutor, selecionando-as para o discurso.	(28) "Na parede do quarto de pensão, uma outra reprodução de Van Gogh: aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas do assoalho, colocado na parede em frente à cama. Deitado, Saul tinha a impressão de que o quadro era o espelho refletindo, quase fotograficamente, o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo." (ABREU <i>apud</i> CIULLA, 2008, p. 167).

Fonte: Sá (2014) a partir de Ciulla (2008).

O ARTIGO DE OPINIÃO

O ensino de Língua Portuguesa há um tempo tem se dedicado apenas ao ensino de gramática de forma tradicional, somente após a Linguística Textual ter passado a ganhar mais expressão é que isso começou a mudar. A partir dos anos 70 é que sua preocupação passou a ser como descrever fenômenos sintáticos-semânticos.

Mas ainda sim alguns desses estudos eram feitos no nível da frase, uma vez que, não havia uma divisão clara entre coesão e coerência.

A expansão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) juntamente com a ampliação do ramo linguístico trouxe uma inovação para as aulas de português cujo objetivo passou a ser trabalhar com o ensino de produção de textos dando ênfase aos aspectos discursivos ligados também ao ensino de leitura e escrita. Ou seja, a produção de textos e o ensino de gêneros passou a se basear em uma perspectiva que considera a linguagem como resultado da interação entre os sujeitos. Com essas mudanças advindas da expansão dos PCN é que os mais variados gêneros passaram a fazer parte das práticas de sala de aulas.

Falando desses gêneros cujo objetivo é transmitir informações relevantes para a sociedade em geral estão esses da esfera jornalística que se dividem em dois grupos. Aquele que descreve os fatos com imparcialidade e aqueles em que se apresentam o ponto de vista do articulista a respeito dos fatos. Esse segundo grupo, por sua vez, tem os gêneros discursivos assinados como o editorial, a carta argumentativa e o artigo de opinião em que conseguimos verificar o posicionamento do autor de forma clara quando observamos o ponto de vista exposto pelo autor do artigo (articulista) que comenta os fatos, discute e os avalia.

Nesse contexto, vale salientar que o artigo de opinião circula nos meios jornalísticos, mas em outros meios da sociedade, um exemplo disso, é nos meios escolares, uma vez que esse gênero é exigido para ingresso em instituições como universidades, institutos federais como é o caso dos nossos alunos do 9º ano, em concursos públicos ou em outras situações em que eles apareçam.

Assim, é necessário para a produção do gênero artigo de opinião, ter um amplo conhecimento do assunto a ser discutido. É interessante que esse conhecimento estudado venha de uma pessoa que é autoridade na área do tema abordado. Ciência, educação, política, economia, literatura e artes são exemplos de áreas que podemos citar. Assim como em harmonia com isso, tais autores como Rangel; Gagliardi; Amaral (2016) são classificados como “formadores de opinião”.

O gênero citado se caracteriza por temas de relevância social, geralmente polêmicos em que o autor defende seu ponto de vista frente a um tema discutido por meio do estabelecimento de um diálogo intertextual. Ao defender sua tese, o articulista para fortalecer essa sua opinião deve citar uma autoridade para dar validade a sua tese, apoiando-se em dados. O autor pode assumir seu posicionamento discursivo por meio do dialogismo efetivado pelas vozes presentes no texto.

ANÁLISE DOS ARTIGOS DE OPINIÃO

Dos artigos de opinião escritos por uma turma de 9º ano, destacamos 3 para nossa análise acerca de um único tema proposto em sala de aula, a saber: o uso da tecnologia. Antes de aprofundarmos nossa discussão acerca dessa análise, cabe ressaltar a concepção de gênero, enunciado e estilo baseada numa perspectiva dialógica do discurso fundamentada no círculo de Bakhtin (2003, 2006, 2013). Com relação as expressões referenciais que se organizam, de maneira a contribuir para a manutenção temática e também organização do gênero artigo de opinião, nos baseamos nos pressupostos de Koch e Elias (2006, 2009), Cavalcante (2014), Vasconcelos de Sá (2007, 2014) e Ciulla e Silva (2008). Feitas essas considerações, passemos às análises das categorias dos processos referenciais.

O artigo de opinião a seguir analisado está transcrito da mesma forma que os autores digitaram, transcrevemos com mesma fonte, formatação, ortografia e estilo utilizados por seu autor, com exceção das partes que estão em negrito, pois as marcamos para melhor proceder às análises. Para efeito organizacional, nomeamos e enumeramos os referidos artigos de opinião, que serão analisados, como Artigo1, Artigo 2, Artigo 3, respectivamente, conforme segue.

Artigo 1

O mundo virtual dos adolescentes

Astrogildo Celestino

A tecnologia afeta **as crianças e adolescentes** muito, hoje em dia, tirando **elas** do mundo real e **as** colocando no mundo virtual. No mundo virtual de hoje, **crianças e adolescentes** estão cada vez mais presentes, explorando suas possibilidades e desafios, o mundo virtual pode ser uma ferramenta incrível para **crianças e adolescentes**. Embora a internet proporcione diversas oportunidades de aprendizado, entretenimento e conexão social também apresenta riscos como exposição a conteúdos inapropriados, cyberbullying e predadores on-line. **Por isso**, é importante que pais e responsáveis estejam atentos ao uso que seus filhos fazem da tecnologia, estabelecendo limites e regras claras de segurança.

Além disso, é fundamental que as próprias **crianças e adolescentes** sejam educadas sobre os perigos da internet e saibam como se proteger com abordagem consciente e responsável.

O mundo virtual pode ser uma ferramenta valiosa para **crianças e adolescentes**, desde que utilizada com responsabilidade e segurança. É essencial que pais, responsáveis e educadores estejam envolvidos na orientação dos jovens sobre o uso adequado da internet, promovendo uma cultura digital saudável e consciente.

Com diálogo aberto e medidas preventivas, é possível garantir que as novas gerações aproveitem o máximo de oportunidades. Aproveitem a internet de maneira consciente e positiva e a tecnologia que esse mundo virtual pode proporcionar.

Como discutido até então, o artigo de opinião tem como objetivo veicular uma notícia por meio do discurso do articulista. No artigo analisado “O mundo virtual dos adolescentes” de Astrogildo Celestino, pseudônimo usado pelos alunos de sala de aula de uma escola da educação básica. Os referentes são usados para contribuição da manutenção temática, mobilizados de forma a fazerem retomadas e, recuperando ideias anteriores, situando e persuadindo o leitor sobre o ponto de vista que o autor pretende transmitir e, também, revelam o modo como o articulista compreende os acontecimentos e os sujeitos que deles fazem parte. O modo como o autor mobiliza os fatos cria os referentes, contribui para levantar hipóteses, reconstrói o contexto informativo e é decisivo para a construção do discurso no gênero artigo de opinião. Nesse primeiro artigo analisado, comprovamos isso quando vemos que o articulista em algumas partes do texto não mobiliza os referentes adequados permitindo a repetição da mesma expressão sem fazer a substituição dessa expressão por outros conectivos, como foi o caso com a expressão “crianças e adolescentes”.

A fim de manter a continuidade tópica, o articulista emprega a expressão referencial “por isso” e “além disso” que tem a função de resumir uma porção do texto anterior que condensa de forma prospectiva uma parte do texto. A esse evento Koch (2009) chama de “encapsulamento”, que contribui para manter o tópico discursivo e, por conseguinte, a manutenção temática.

Essas expressões passam a funcionar como organizadoras das partes do texto fazendo remissão a argumentos anteriores e introduzindo novos argumentos para enfatizar a tese de que pais e responsáveis devem estar atentos ao uso que

seus filhos fazem da internet e da tecnologia alertando sobre seus perigos com o intuito de promover a segurança entre eles. Percebemos assim, o caráter resumitivo do encapsulamento e como ele estabelece relação entre tópicos.

Para Ciulla e Silva (2008, p. 72), numa situação como a apresentada, o referente remete a conhecimentos partilhados pelos interlocutores e promove, ao mesmo tempo, a introdução de argumentos novos. Pode-se concluir do exemplo acima citado, que as expressões “por isso” e “além disso”, nesse caso específico, acumula “características de dois grupos distintos, quais sejam: o das introduções referenciais e os das anáforas”, produzindo, dessa maneira, a condução da argumentação e fornecendo uma explicação dos fatos.

Vale salientar agora as retomadas por meio de pronomes e de anáforas diretas. As anáforas pronominais são elementos indispensáveis à coesão textual, uma vez que tais formas ajudam a estabelecer e desambiguar os referentes na tessitura textual, como ocorre com as formas pronominais “elas”, que tem função anafórica e refere-se à expressão “crianças e adolescentes”, evitando a repetição da expressão e “as”, que se refere também a mesma.

Uma escolha lexical que merece destaque no artigo analisado é a relação estabelecida entre as expressões “mundo real” e “mundo virtual”. Quando empregada nesta estrutura a palavra “mundo” ao lado da palavra “virtual” aparece no sentido figurado servindo para ativar a memória discursiva. Pudemos perceber que a referenciação anafórica foi essencial na construção de sentidos do texto. Ou seja, o produtor a utiliza também para estabelecer as conexões necessárias acarretando na manutenção temática, além de estabelecer essas relações de sentido.

Artigo 2

Os malefícios do uso da tecnologia

Astrogildo Celestino

Nessa geração, podemos perceber, que a **tecnologia** é bem presente na nossa vida de várias maneiras, seja nos eletrodomésticos, na televisão, no celular, e etc. **A tecnologia** pode ser boa e nos ajudar muito, mas, **ela** também pode trazer muitos males, por exemplo é o vício no celular. **Esse vício** pode ser muito problemático e está ficando cada vez mais comum a cada dia que passa.

A tecnologia está ficando cada dia mais problemática, está cheia de pessoas ruins e de muitos conteúdos imorais, que por sua vez, estão ficando mais fáceis de se acessar, mas, além **dessa parte** horrível, existe também a parte boa onde **lá**, existem piadas sadias e muitos programas educativos e estimuladores.

A solução para **esse problema** seria além de saber da segurança **do aparelho** e não acreditar em tudo que vê na internet. Além disso, o próprio aparelho deveria ter um manual com dicas e maneiras de não cair em golpes. A transformação vai além disso. Ela se serve de todas essas mudanças para mergulhar de cabeça na **era digital**, com foco quase total em melhorar a experiência do cliente, não na tecnologia em si. Uma pesquisa da norte-americana Altimeter mostra que 55% dos gestores da transformação digital apontam a evolução dos comportamentos e preferências dos consumidores como o grande impulsionador do processo de mudança. Os outros pilares seriam a melhoria da eficiência dos processos internos, o aumento da inovação tecnológica e a geração de valor e de competitividade para a empresa.

Uma outra pesquisa, da Coleman Parkes Research, mostra que a transformação digital gera um crescimento médio de 37% na receita com novos negócios. Isso vale para empreendimentos de portes e setores diversos. Pelo ritmo com que **soluções tecnológicas** ocupam espaço nas relações humanas, pode-se calcular que até mesmo profissionais liberais e autônomos serão levados a aderir à **transformação digital**.

No artigo “Os malefícios do uso da tecnologia” de Astrogildo Celestino, pseudônimo usado pelos alunos, assim como no artigo 1, há a presença constante de expressões referenciais, como mostraremos agora. É importante apontar, ainda, em consonância com Koch e Elias (2009) que as “expressões anafóricas, sejam elas quais forem, não consistem em remeter a um segmento linguístico, mas sim em efetuar uma ligação com alguma informação que faz parte da memória discursiva”, tornando-se, assim, importantes mecanismos para a manutenção temática.

Semelhantemente ao artigo 1, vemos a repetição de referentes como em a “tecnologia” que é retomado e mantido em saliência apenas com essa expressão, evitando assim haver uma relação correferencial que garante a continuidade referencial, característica peculiar da anáfora direta e um importante mecanismo de manutenção do tema.

Artigo 3

Tecnologia e Escola

Astrogildo Celestino

O uso da tecnologia na escola tem sido cada vez mais importante para contextualizar o aprendizado dos alunos. Existem pessoas que têm opiniões contraditórias em relação a **esse aprendizado**. Algumas pessoas acreditam que a educação atua como ferramenta de transformação social dos estudantes e existem **aquelas** que não **a** valorizam como meio de atingir desenvolvimento cognitivo e social **deles**.

Além **dessa preocupação** relacionada às opiniões, há uma **outra** com o acesso equitativo à tecnologia e com a dependência excessiva **dela** pelos alunos. O uso da tecnologia na escola é defendida porque proporciona uma série de benefícios como o acesso a informações atualizada, recursos educacionais interativos, colaboração entre os alunos, desenvolvimento de habilidades digitais e preparação para o mundo profissional.

No entanto, nenhum tipo de tecnologia é capaz de substituir a ação do professor no processo educativo. Contudo, é essencial que **esses profissionais** sejam capacitados para utilizar e conduzir todos os recursos e ferramentas disponíveis. Portanto, é imprescindível que as escolas invistam na formação continuada de **seus educadores**, para que **eles** estejam aptos, não apenas para manusear as novas tecnologias, mas também para desenvolver práticas que tornem as aulas mais dinâmicas, mais próximas da realidade dos alunos.

Nesse artigo, percebemos, também, a ocorrência constante de expressões referenciais anafóricas, o que denota as possibilidades que o articulista tem a seu dispor para a construção de sentido do artigo ora analisado.

Analisaremos, inicialmente, os termos “esses profissionais” e “seus educadores”, que, segundo Koch (2015, p. 102), é um caso de descrição definida que “se caracteriza pelo fato de o locutor operar uma seleção, dentre as propriedades atribuíveis a um referente” em que se faz uma escolha com vistas a elaborar o seu projeto de dizer em dada situação discursiva. As expressões definidas têm a função, também, de levar ao interlocutor informações imprescindíveis à organização

do tópico discursivo, tais como as impressões, as atitudes e pistas sobre a opinião do autor, auxiliando, dessa maneira, na construção do sentido na tessitura textual.

Assim, podemos dizer que se trata da ativação de conhecimentos partilhados entre os interlocutores e remete ao referente “professor”. Com isso, vemos que essas expressões têm papel importante na construção e articulação tópica, uma vez que elas são responsáveis pela introdução, desvio ou mudança deste, assim como, a articulação entre seus segmentos.

Neste artigo e nos outros já analisados trabalhamos a análise com as anáforas pronominais como ocorre com: “eles”, “aquelas”, “a”, “dela”, “deles”, e por meio do advérbio locativo “lá”, que está presente no artigo dois. O pronome pessoal de 3ª pessoa “eles” remete ao termo “educadores”, “profissionais”; “aquelas” remete ao termo “pessoas”; “a” remete ao termo “educação”; “dela” remete à “tecnologia”; “deles” remete aos estudantes. Já o advérbio “lá”, visto no outro artigo anteriormente analisado remete ao mundo virtual. Ambos os pronomes e o advérbio têm como função fazer progredir referencialmente o texto, garantindo a manutenção do tema.

Dessa maneira, a partir de uma narrativa sobre o uso da tecnologia, o autor nos mostra os pontos positivos e negativos desse uso. Dessa forma, dá-se continuidade à ideia central da temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo de opinião é um gênero muito sugerido para se trabalhar na sala de aula de Língua Portuguesa. No entanto, para que ele seja trabalhado de forma efetiva é necessário o uso das anáforas para a tessitura desse gênero contribuindo assim para uma série de fatores como um texto mais coeso, organização tópica, para a progressão argumentativa e para a construção dos sentidos.

Por meio das análises dos dados apresentados nesse trabalho pudemos perceber que os alunos têm uma certa resistência para a produção de textos opinativos como o artigo de opinião, por isso, alguns desses textos se apresentam pobres linguisticamente com repetições de palavras, quase não existindo substituições vocabulares, pois, muitos deles não usam sinônimos para substituir os referentes já mencionados. Cabendo, dessa forma, ao professor de Língua Portuguesa mostrar a importância da referência anafórica para a composição e manutenção desse gênero. Além disso, deve haver a consciência de professores e alunos no que diz

respeito ao uso desse processo referencial anafórico em forma de pistas para que o leitor possa recuperar o sentido do texto e o seu percurso argumentativo.

Diante dos achados que foram analisados, nas produções textuais do ensino fundamental, mas especificamente com os alunos do 9º ano, verificamos a necessidade de se trabalhar com produções textuais baseadas em um viés dialógico. Os professores devem pensar em atividades que orientem os alunos a escreverem pensando na melhoria do ensino-aprendizagem, visando não só as formas gramaticais, mas também a análise estilística e discursiva do gênero.

Assim, esperamos que essa nossa pesquisa possa contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do 9º ano do ensino fundamental a fim de levá-los a refletirem a prática numa perspectiva dialógica desconsiderando o ensino tradicional. Portanto, durante a análise e discussões das atividades e dos textos desenvolvidos ao longo deste trabalho tenham efetivamente contribuído para reflexão sobre as novas práticas de produção textual fazendo com que o aluno desenvolva sua autonomia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV Valentin N. [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de M. Lahud, Yara F. Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail [1940]. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólcova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, Mikhail [1979]. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail [2004]. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólcova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BRAIT, Beth (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth. Práticas discursivas e a esfera publicitária. In: MICHELETTI, Guaraciaba (Org.). *Enunciação e gêneros discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. São Paulo: Ática, 2011.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2011b.

KOCH, Ingedore Grunfeld V. e ELIAS, Vanda M. *Ler e Escrever – estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld V. e ELIAS, Vanda M. *Ler e Compreender os Sentidos do Texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. G. V.. *Introdução à Linguística Textual*. 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes. 2009b.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.